

OS DOMÍNIOS DISCURSIVOS NO SUPORTE TEXTUAL REVISTA: UMA ANÁLISE DE CAPAS DA VEJA QUANDO O ASSUNTO É FAMÍLIA

Joane Marieli Pereira Caetano¹
Luíza Guimarães Lanes²

Resumo: Este trabalho apresenta como temática a articulação linguística utilizada pela Revista *Veja*. Sabe-se que, ao pertencer ao domínio discursivo jornalístico, tal edição deveria ser construída por intermédio de uma perspectiva imparcial. No entanto, nota-se que esses veículos midiáticos não têm abordado um viés objetivo. Diante dessa assertiva, surge um questionamento: O que fomenta esse posicionamento subjetivo? A fim de atender a essa indagação, o presente estudo ancorou-se na análise de capas da revista *Veja* vinculadas à resistência perante o novo conceito de família. Sendo assim, pretende-se, de forma geral, investigar os mecanismos discursivos aplicados nesses meios comunicativos. Sob uma ótica específica, objetiva-se explicitar como os recursos textuais empregados na sentença ratificam uma postura arcaica. Dentre as especulações, acredita-se que os organizadores desses exemplares comungam de ideologias conservadoras, ilustradas nas capas contidas no *corpus* dessa pesquisa, por meio da sátira contra os indivíduos que rompem com um modelo familiar tradicional. No que tange à metodologia, é uma pesquisa de cunho bibliográfico, que tem como embasamento teórico Bakhtin (2006), Foucault (2014) e Koch (1992), bem como Biroli (2014).

Palavras-chave: Jornalismo. Articulação Linguística. Novo Conceito de Família.

Abstract: This work presents as a theme the linguistic articulation used by *Veja Magazine*. It is known that, when belonging to the journalistic genre, such an edition should be constructed through an impartial perspective. However, it is noted that these media vehicles have not addressed an objective bias. Faced with this assertion, a question arises: What fosters this subjective position? In order to answer this question, the present study was anchored in the analysis of covers of *Veja magazine* linked to resistance to the new concept of family. Thus, we intend, in a general way, to ponder the discursive mechanisms applied in these communicative media. From a specific perspective, the objective is to explain how the textual resources used in the sentence ratify an archaic stance. Among the speculations, it is believed that the organizers of these specimens share conservative ideologies, illustrated in the layers of this research, by means of satire against individuals who break with a imposed family model. As far as the methodology is concerned, it is a bibliographical research based on Bakhtin (2006), Foucault (2014) and Koch (1992), as well Biroli (2014).

Keywords: Journalism. Linguistic Articulation. New Family Concept.

¹ Mestra em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). E-mail: joaneiff@gmail.com

² Graduanda em Letras pelo Centro Universitário São José de Itaperuna – RJ (UNIFSJ). E-mail: luiza.lanes@yahoo.com.br

Introdução

A imprensa engloba todos os veículos comunicativos e exerce grande poder persuasivo sob a sociedade. Dessa maneira, é importante que esse meio midiático atue com ética, para que o povo tenha a sua dignidade e liberdade individual preservada.

Uma das vertentes da imprensa é o jornalismo. Prototipicamente, a função do domínio discursivo jornalístico é apresentar os fatos de maneira objetiva e imparcial. Nesse contexto, verifica-se uma primazia da linguagem referencial, uma vez que essa é centrada nas informações sobre o referente. Ao apresentar essas características, o uso da subjetividade nessa categoria torna-se inadequado. Apesar de ser configurado por meio de tais particularidades, os textos extraídos dessa fonte contêm fortes traços de tendenciosidade, aspecto que contradiz o intuito do jornalismo. É importante ressaltar que tal parcialidade é construída, estrategicamente, a fim de atender a interesses específicos, conforme reitera Koch:

[...] quem fala tem determinadas intenções, consistindo a intelecção justamente na captação dessas intenções, o que leva a prever, por conseguinte, uma pluralidade de interpretações. Compreende-se o querer dizer como um querer fazer; desse modo, introduzem-se no sentido todas as intenções de ação [...] e admite-se que o locutor deseja, de algum modo, fazer conhecer essa intenção (KOCH, 2000, p. 31).

Com a intenção de confirmar a premissa acima, esse trabalho irá analisar algumas capas da Revista Veja para explicitar as mensagens codificadas repletas de subjetividade. Tal manobra pressupõe a identificação de uma postura inerente a esse exemplar, visto que “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 2014, p.8).

1. No âmbito dos gêneros, os domínios discursivos circunscritos no suporte textual revista

A noção de gêneros remete à Antiguidade Clássica, em que, pelo viés da

tradição ocidental, associava-se a palavra “gênero” aos gêneros literários, em especial nos estudos de Platão e Aristóteles. Nos dias atuais, por sua vez, a perspectiva amplia-se, uma vez que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (SWALES apud MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Em considerações de Marcuschi (2008), na contemporaneidade emerge um estudo cada vez mais multidisciplinar, que aciona análise do texto, do discurso e do uso da linguagem dentro da dinâmica sociocultural. Por conta disso, Miller (1984) adota a noção de gênero como forma de ação social e artefato cultural, integrada ao sistema organizacional da sociedade.

Além disso, Marcuschi (2008) salienta que cada gênero possui uma intencionalidade específica e clara dentro de seu contexto de produção. Mostra-se mais enfático ao expor que “todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma” (MARCUSCHI, 2008, p. 150). E é justamente essa relação direta com as práticas sociais de uso da linguagem que fomenta a necessidade de o ensino de língua pautar-se em uma abordagem centrada no (compreensão do) uso.

Ainda sobre a caracterização dos gêneros, convém destacar o aspecto dinamicidade, prenunciado por Bakhtin (2000) ao classificar os gêneros como entidades relativamente estáveis, uma vez que vários fatores podem condicionar mudanças: exigências comunicativas, adaptações contextuais à época, interferências da tecnologia, dentre outras. Em função disso, Marcuschi esclarece:

Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social (Miller, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcações se tornam fluidos (MARCUSCHI, 2008, p. 151, grifos nossos).

Torna-se relevante, assim, ao se analisar um gênero considerá-lo sob o aspecto da funcionalidade. Partindo de noções de uso, podemos observar que a revista equadra-se na categoria denominada por Marcuschi (2008) como suporte de gêneros textuais, assim definido pelo autor: “entendemos aqui como suporte de um

gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 147). A revista serve de suporte justamente por abarcar uma extensa gama de várias formas materializadas de uso linguístico, tais como entrevistas, reportagens, propagandas.

Esse estudo observa nas capas de revista grande potencial de possibilidades para análise textual, sobretudo por contemplar a ocorrência de diversos domínios discursivos circunscritos aos textos. Convém, de antemão, retomar o que se compreende como domínio discursivo. Ainda na perspectiva de Marcuschi (2008, p. 155):

Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder.

É exatamente a questão das relações de poder ratificadas em capas de revistas que nos preocupamos em averiguar. Ora, confere-se aos textos vinculados ao domínio jornalístico o apego à função referencial de linguagem, conforme classificada por Jakobson (2009), na qual se prioriza a transmissão de informações, cuja centralidade do processo ancora-se no referente. Logo, mais especificamente, busca-se evidenciar se há a aplicabilidade da *função emotiva* (JAKOBSON, 2009). com presença marcante nas capas de revista, e ainda, pretende-se investigar se há confluência entre o discurso jornalístico com outros domínios discursivo nos textos em análise.

2. Apresentação das capas

Antes da apresentação propriamente dita das revistas, vale destacar aspectos textuais indispensáveis para se compreender a noção básica de texto, conforme

Antunes (2010): o propósito comunicativo, o diálogo com o interlocutor e a orientação temática. Sobre este último, importa destacar que se selecionou como tema para análise o assunto “Família”. Os interlocutores possíveis dizem respeito àqueles que se interessem por leituras informativas. Ainda sobre o público alvo da revista, pode-se dizer que no Brasil deve ser bastante significativo, uma vez que se trata de uma das revistas de maior vendagem nacional. Acerca do propósito comunicativo, recai-se no seguinte impasse: em sentido lato, o jornalismo deveria pautar-se na transmissão de informações objetivas, entretanto, as marcas de subjetividade no discurso têm sido facilmente observáveis em suas publicações. Para aferir sobre a função da revista, importa realizar uma análise mais aprofundada.

Pode-se considerar que o conteúdo textual é apresentado nas capas de maneira estratégica, uma vez que os recursos gráficos e visuais induzem a uma perspectiva predefinida. Nesse sentido, a abordagem adotada pela revista *Veja* reforça estereótipos relacionados à resistência da sociedade brasileira perante o novo conceito de família. No entanto, para detectar essa inferência é necessário que o receptor conheça a definição de família tradicional. Convencionalmente, designa-se como família, o lar constituído pelo pai, pela mãe e por um ou mais filhos.

Sendo assim, a categoria de análise desse trabalho é a constituição familiar. A seleção das capas foi motivada pela relevância que essa temática tem adquirido nos dias atuais. Diversos fatos fomentaram a mudança em relação ao conceito de família, entre esses, destacam-se a maior inserção feminina no mercado de trabalho e a aprovação do casamento homossexual, bem como das uniões poliafetivas.

A capa 1 foi publicada em abril de 2007. Divulgada há relativamente pouco tempo, observa-se que mais especificamente o tema explorado é um tabu da época: gravidez sem casamento, isto é, sem formação do que se entende tradicionalmente como família.

Já a capa 2 foi publicada em fevereiro de 2011 com o intuito de caracterizar o relacionamento do casal representado na gravura como um ideal e, conseqüentemente, desenquadrar os indivíduos que não possuem uniões pautadas nos parâmetros expostos pela revista.

Em relação à capa 3, foi publicada em abril de 2013, a fim de explicitar que a divisão das atividades domésticas ainda gera polêmica, visto que a sociedade

brasileira, de forma geral, possui um pensamento patriarcal que atribui à mulher estar exclusivamente dedicada às tarefas do claustro doméstico. Na sequência, verificam-se as três capas.

Figura 1- Capa 1



Fonte: Google Imagens

Figura 2 – Capa 2



Fonte: Google Imagens

Figura 3 – Capa 3



Fonte: Google Imagens

2. Discussão dos dados

Esse tópico foi estruturado a partir da análise de três categorias: análise imagética, análise dos enunciados e ideologia.

2.1. Análise imagética

A capa 1 extraiu uma imagem da apresentadora Xuxa Meneghel sorrindo. A escolha dessa gravura visa ironizar a naturalidade com a qual a “Rainha dos Baixinhos” está lidando com a situação, que é mal vista pela comunidade. Devido a sua influência comunicativa com o público infantil esse preconceito é potencializado. Ao lado da foto da artista, nota-se a ilustração de uma cegonha. Tal desenho não pertence ao formato original do retrato, sendo este, propositalmente, inserido com o intuito de fazer referência à figura paterna, em justificativa clássica sobre a origem de bebês. Ora, como Xuxa não possuía um marido, mas um namorado, o conto da cegonha apresenta-se como uma boa explicação ao seu desajuste à lógica imperante de organização familiar. Ao deturpar a mensagem pretendida, esse recurso é de caráter manipulador da informação, o que denota, assim, delineamento da informação para direcioná-la a uma perspectiva específica.

Sob outra ótica, a linguagem não verbal em análise objetiva, também, facilitar o reconhecimento da cantora, visto que a imagem selecionada mantém a identidade de apresentadora infantil: risonha e amigável.

A capa 2 extraiu uma imagem de um casal hétero, branco, bonito fisicamente e bem sucedido no âmbito profissional, a fim de pontuar esse modelo de relacionamento como ideal. É importante frisar que as características delineadas acima constituem o padrão de família tradicional. Além desses aspectos, destaca-se a fama do casal em repercussão nacional. Tal condição foi propiciada pela profissão e pelo posicionamento dos cônjuges: ambos são apresentadores globais que mantêm sua vida pessoal reservada.

A capa 3 emprega a imagem de um homem lavando louça com o intuito de demonstrar uma transformação na realidade familiar, que, apesar de ainda ser arraigada a valores patriarcais, tem se tornado mais igualitária. Tradicionalmente, as tarefas domésticas são exclusivamente relegadas às mulheres. No entanto, as mudanças sociais durante o transcurso histórico acarretaram em uma partilha dos

afazeres domiciliares. Somado a isso, encontra-se a roupa do homem e a expressão dele. A primeira, ao ser composta por uma camisa social e uma gravata, confirma o estereótipo de que o gênero masculino deve exercer cargos mais conceituados. Já a segunda concretiza, por meio da fisionomia sarcástica, o desconforto do indivíduo ao desempenhar essa atividade.

2.2. Análise dos enunciados

Na primeira capa, encontra-se a mensagem “gravidez sem casamento”. Essa seleção vocabular, construída por meio de palavras incisivas, reforça o objetivo desejado – satirizar a “gravidez sem casamento” de uma personagem consagrada no âmbito infantil. Ao informar essa notícia por meio de tais vocábulos, pressupõe-se que o efeito de sentido gerado foi de causar um desconforto entre a apresentadora e o seu público-alvo.

Na segunda capa, verifica-se a ênfase da expressão “bom-mocismo” com o intuito de demonstrar sarcasmo, visto que tal termo remete a algo clichê e pejorativo. De forma geral, a sentença em destaque é empregada para classificar atitudes hipócritas no âmbito das relações humanas.

Na terceira capa, observa-se um método inerente ao gênero jornalístico: o uso de frases curtas, ilustrado pela sentença “Você amanhã.” Esta oração tem como finalidade alarmar o sexo masculino em relação à chegada do dia em que ele terá que participar dos afazeres familiares devido às transformações sociais emergentes, como a ascensão do gênero feminino, demarcada pelas regras trabalhistas conquistadas pelas empregadas.

2.3. Ideologia

A submissão da mulher em relação ao homem é um estereótipo antigo que reflete na criação de meninos e meninas – enquanto eles são valorizados pela valentia e coragem, elas são enaltecidas pela beleza e docilidade. Apesar de ainda haver resquícios desse pensamento, tal realidade está mudando.

Sendo assim, esse trabalho explicita as questões ideológicas contidas nas capas da Revista *Veja*, uma vez que “todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma

modificação da língua” (BAKHTIN, 2006, p.8).

Nesse contexto, a subalternidade feminina reflete na constituição familiar. Configurada como o “sexo frágil”, a mulher é vista como incapaz de conduzir um lar sozinha. Além dessa particularidade pejorativa, encontra-se o padrão familiar brasileiro: monogâmico e pautado numa relação heteroafetiva. Tal imposição social tem sofrido profundas transformações devido ao maior ingresso do gênero feminino no mercado de trabalho e a aprovação do casamento homossexual, bem como de uniões poliafetivas.

Ao analisar tais fatos, nota-se que o “conceito de família” mudou. No entanto, há ainda muito preconceito com os indivíduos que rompem com esse padrão familiar imposto. As pessoas favoráveis à imposição desse modelo social alegam que “mães solteiras” e casais homossexuais promovem “mau exemplo” no âmbito doméstico. Todavia, sabe-se que “a noção de família pode estar profundamente ligada a afetos e sentimentos, de diferentes tipos.” (BIROLI, 2014, p. 7). Sendo assim, a mudança social se configura como um fator incisivo para a concordância com a ruptura do conceito de família tradicional.

Considerações Finais

Assim como todo domínio discursivo, o jornalismo é baseado no contexto histórico, econômico, político e social vigente. Dessa maneira, a avaliação crítica do panorama público torna-se indispensável para uma interpretação completa sobre qualquer discurso. Ao ser um reflexo da sociedade e objetivar, implicitamente, a desconstrução de ideologias contrárias às suas, as matérias jornalísticas recorrem à subjetividade. Tal manobra representa um acinte à democracia, tendo em vista que esse veículo midiático é crucial para a preservação desse sistema governamental.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o posicionamento almejado dos meios comunicativos é uma atitude ética, que incute a imparcialidade discursiva. Entretanto, ao contrariar o seu verdadeiro propósito – apresentar os fatos de maneira objetiva, o gênero jornalístico contribui para a desconstrução da democracia e para a alienação social.

Por intermédio da análise do discurso aqui feita, torna-se evidente que a Revista *Veja* apresenta uma postura conservadora sinalizada pela resistência da

sociedade brasileira perante o novo conceito de família. Portanto, verifica-se que a Revista *Veja* articula suas notícias de modo que vangloria os conceitos ideológicos defendidos por ela e oculta perspectivas contrárias às suas. Dessa maneira, é importante que os leitores fiquem atentos às notícias propagadas pelos veículos comunicativos de modo geral, realizando uma análise textual mais ampla das informações que lhes chegam cotidianamente.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BIROLI, Flávia. **Família: Novos Conceitos**. São Paulo: Coleção O Que Saber, 2014.

CAPA 1. Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-724652689--revista-veja-xuxa-capa-dezembro-1997-ed-1526-_JM>. Acesso em 31 mai. 2017.

CAPA 2. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/48386/No-mundo-de-Huck-ricos-sempre-v%C3%A3o-ser-inocentes.htm>>. Acesso em: 31 mai. 2017.

CAPA 3. Disponível em: <<http://angelorigon.com.br/2013/03/30/nada-sera-como-antes/>>. Acesso em 31 mai. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 21.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.